

Documentos

Documentos

Entrevista com Aronaldo Júlio

por Jorge Luiz Gonzaga Vieira

Apresentação

Na aldeia Argola, à sombra da folhagem verde de grandes pés de mangueira, tomando tereré (água gelada e erva-mate), numa manhã de janeiro, às voltas com as homenagens a São Sebastião – atos organizados por famílias, onde parte significativa da população Terena almoça comunitariamente, participa das novenas e bailes –, Aronaldo Júlio, acompanhado do cacique João Candelário, 37 anos, falou longamente sobre sua trajetória de vida. Destacou as dificuldades que encontrou para estudar, como começou o trabalho de professor de língua Terena e da sua “conversão” à igreja evangélica; falou também sobre as mudanças que vêm acontecendo com o seu povo, principalmente na agricultura, culinária, religião, música, educação e organização social. E destacou como perspectiva de autonomia dos Terena, duas questões fundamentais: a terra e a educação. Acredita que, com a demarcação do território tradicional e a construção de uma escola a partir da história, dos costumes e tradições indígenas, conseguirão viver com liberdade e melhorar a qualidade de vida.

É morador da comunidade Argola, ou “setor” – comumente utilizado como sinônimo de “aldeia” –, como mais 150 famílias. Com as aldeias Campão Babaçu, Lagoinha, Morrinho e Cachoeirinha, estão localizadas na “Reserva” Cachoeirinha (2.660 hectares), totalizando uma população de 5 mil indígenas, município de Miranda, região do pantanal, a 16 km do Centro administrativo e a 210 km de Campo Grande, capital sul-mato-grossense.

Cada comunidade tem suas organizações sociais, elege seus representantes, tem suas associações comunitárias, igrejas e campo de futebol. Em nível político, se articulam para defender interesses comuns, a exemplo da demarcação da terra. E, administrativamente, mantêm relação com o Posto da FUNAI - Fundação Nacional do Índio, instalado na aldeia Cachoeirinha.

Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, Universidade Federal de Alagoas – UFAL; cursos de Filosofia na Faculdade João Paulo II/RJ e Teologia pela Pontifícia Universidade Católica – PUC/RJ e Instituto de Teologia do Recife – ITER/PE; membro do Conselho Indigenista Missionário – CIMI/CNBB desde 1985; Mestrando em Desenvolvimento Local, Universidade Católica Dom Bosco - UCDB.

* * *

Tenho 30 anos; sou casado e membro da Igreja UNIEDAS – União das Igrejas Evangélicas da América do Sul. Sou professor da língua terena desde 1993 – já trabalhei nas aldeias Cachoeirinha, Campão Babaçu, Lagoinha e, atualmente, trabalho na aldeia Argola. Para estudar em Miranda, viajei pegando carona em caminhão e caçamba.

Trabalho na Escola Felipe Antônio – homenagem ao primeiro morador da aldeia Argola. A escola tem duas salas, uma cantina e dois banheiros; trabalham cinco professores indígenas da rede municipal; ensina do pré-escolar até a 4ª série. O material didático: lápis, caderno e borracha – os livros são da década de 90.

Trabalhamos o conteúdo de forma intercultural. Os alunos fazem pesquisa sobre a cultura terena – medicina, pintura corporal, agricultura, solo, geografia da aldeia e educação artística.

O currículo é o mesmo adotado pela Secretaria de Educação do município de Miranda. No entanto, a aldeia tem a liberdade e autonomia de poder colocar o seu conteúdo nas disciplinas de português, língua terena, educação artística (trabalhamos com artesanato), educação física (jogos indígenas: natação, arco e flecha, lança e outros esportes que aprendemos com a sociedade não-indígena – vôlei, futebol, cabo de guerra).

A História que ensinamos sobre os terena é oral, não tem material escrito para os alunos do pré-escolar à 4ª série. Os alunos de 5ª à 8ª séries do ensino fundamental têm material. Eles fazem pesquisa com os pais, avós, antigos e, na sala de aula, comentam e constroem o texto. Depois, o sonho do índio é escrever um livro e ter a escola indígena.

Os professores indígenas têm uma associação – APROTEM – Associação dos Professores Terena de Miranda que é reconhecida e respeitada pela Prefeitura Municipal. No final de 2002, fizemos uma proposta para a Prefeitura Municipal através da Secretaria Municipal de Educação para ter um coordenador pedagógico e um calendário adaptado à escola indígena. A área de Cachoeirinha é um Pólo e é responsável pelas 8 escolas – as salas são emprestadas. Por exemplo, durante o carnaval deveria ter aula porque não existe essa festa na aldeia. Ao contrário, enquanto para a aldeia é muito importante a Semana do Índio, tem várias atividades, a Prefeitura Municipal marca provas. Na agricultura, durante a colheita os alunos têm por obrigação ajudar os seus pais.

Apesar de termos feito a proposta, até hoje não tivemos nenhum retorno. A prefeita deixou muitas questões em relação a como o povo

avalia a questão da educação? A comunidade concorda com os professores. A prefeita e a secretária de educação acham que tendo um Pólo já é uma escola indígena. Mas não é assim, a Escola Indígena tem que ser construída com a opinião da população indígena.

Para a comunidade indígena se fortalecer tem que ter educação e terra. Patrícios são de confiança do vereador, da prefeita, enquanto nós conhecemos nossos direitos, mas não tem uma intelectualidade para poder competir. Por exemplo: Serginho (responsável na Prefeitura pelos assuntos indígenas) é um 'branco'. O vereador diz: "o índio não tem computação; só tem 1º grau". Através da educação, a liderança e a associação podem criar seu próprio projeto.

Em relação às igrejas e a cultura indígena, cada igreja tem seu Estatuto. A UNIEDAS foi criada em 1985 e tem uma visão diferente. O índio terena precisa de apoio para enxergar um futuro melhor. Antigamente acabavam caindo no álcool, fumo e bebida através de companheirismo.

Quando eu tinha 16 anos, estava na 7ª série e fui convidado para ir para o canavial¹. A empresa dava adiantamento e comprava bebida. Eu peguei o dinheiro com o *cabeçante*. O meu irmão já era evangélico, ele era diferente, me encaminhava para o estudo. Mãe soube que eu peguei dinheiro, pegou o dinheiro e levou e entregou ao *cabeçante*.

O curso de batismo é para ensinar o dever e o direito. A comunidade indígena ver quase igual a Igreja Católica. As outras igrejas têm regras diferentes. A UNIEDAS não proíbe usar calção, jogar, a dança do bate-pau. As outras igrejas estão se abrindo, em razão da mudança do governo e da escola.

Está faltando diálogo entre as igrejas evangélicas, cada uma vai pro seu lado. Porque o mais importante é ser índio.

A comunidade terena está passando por um grande processo de mudança. No hábito nutricional está comendo verdura, tomando refrigerante. Na organização social, está construindo a sua política indígena: a formação da liderança para administrar a própria comunidade; ter documento e computador; a política de saber defender a sua própria área em reuniões, diálogo e conversas. Antigamente, como a comunidade trabalhava com a educação, os professores não tinham espaço na comunidade, era um servidor, um funcionário que serve para trabalhar com a criança. Hoje, os professores já são valorizados, tem confiança para ajudar a comunidade, é um orientador da própria família, adolescente. Antigamente era palmada; tinha uma disciplina única:

integracionista. A religião também está mudando: a forma de trabalhar; o regimento. A igreja já não pode continuar 'pode' e 'não pode'. Assim vai se isolar do mundo. Quando o jovem pode praticar esporte? Na música, como aceitar o rock? Coreografia, como aceitar? Os próprios pastores e presidentes têm que estudar as limitações ou aceitar – discutir como ou quando vai adaptar.

O movimento atinge a maioria dos jovens, como a música. Cada dia que passa o ritmo está mudando. O mundo evangélico existe esse ritmo. Muitos pastores não aceitam. O próprio sistema do mundo trás, entra na igreja. Como o pastor aceitar ou capacitar o jovem para essa realidade?

O índio tem que ter a oportunidade de trabalhar em empresas, órgãos públicos. Antigamente era a roça. Hoje, só tem um pedacinho de terra, não ajuda mais a família. As alternativas são hortas, granjas, indústrias de suco, de mandioca.

A demarcação da terra é fundamental para toda a comunidade, não só evangélicos. Todos têm que ter o mesmo sentimento, pensamento. O pastor tem que incentivar o "ser índio". Os pastores estão tendo uma presença marcante nas reuniões. Não fortalece só o grupo da igreja, mas sim, com índio.

Nota:

¹ Trabalhar no corte de cana de açúcar para as usinas de álcool.